



UMA MISSIVA A SEU DITINHO, CRAQUE DO SÃO GERALDO

Allan da Rosa¹

Resumo: O texto, uma carta a um ancestral, reflete sobre práticas culturais da população negra em São Paulo na primeira metade do século XX e suas relações com as instituições oficiais da cidade. Apresenta o futebol como esfera de conhecimento, pertencimento e construção de subjetividade frente ao racismo. Ao apresentar elos diaspóricos na modernidade brasileira e suas contradições, também se detém na cosmovisão de matriz congo-angola presente nos corpos e linguagens de comunidades, na masculinidade negra e suas absorções pela imprensa independente, negra, da mesma época.

Palavras-chave: negritude; ancestralidade; intelectualidade negra; cidade; imprensa negra.

A MISSIVA FOR THE MR. DITINHO, CHAMPION OF SAINT GERALD

Abstract: The text reflects on the cultural practices of the black population in São Paulo in the first half of the twentieth century and its relations with the official institutions of the city. It presents soccer as a sphere of knowledge, belonging and construction of subjectivity. When presenting diasporic links in Brazilian modernity and its contradictions, it also dwells in the congo-angola worldview present in the bodies and languages of communities, in black masculinity and its absorption by the independent black press of the same period.

Keywords: blackness; ancestry; black intellectuality; city; black press.

UNE MISSIVE A SEU DITINHO, CRAQUE DU SÃO GERALDO

Résumé: Le texte, une lettre à un ancêtre, se reflète sur les pratiques culturelles de la population noire à Sao Paulo dans la première moitié du XXe siècle et ses relations avec les institutions officielles de la ville. Il présente le football comme une sphère de connaissance, d'appartenance et de construction de la subjectivité contre le racisme. En présentant des liens diaspora dans la modernité brésilienne et ses contradictions, aussi se tient dans la vision du monde de la matrice Congo-Angola présente dans les corps et les langues des communautés, dans la masculinité noire et son absorption par la presse indépendante, noire, de la même époque.

Mots-clés: négritude; ancestralité; intellectualité sombre; ville; presse noire.

UNA CARTA A SU DITINHO, CRAQUE DEL SAN GERALDO

Resumen: El texto, es una carta a un ancestro, refleja sobre las prácticas culturales de la población negra en São Paulo en la primera mitad del siglo XX y sus relaciones con las instituciones oficiales de la ciudad. Presenta el fútbol como esfera del conocimiento, y construcción de la subjetividad frente al racismo. Al presentar lazos diaspóricos en la modernidad brasileña y sus contradicciones, también se detiene a la cosmovisión de matriz congo-angola presente en los cuerpos y lenguajes de comunidades, en la comunidad negra y sus absorciones por la prensa independiente, negra, de la misma época.

¹ Doutorando – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.



Palabras-clave: negritud; ancestralidad; intelectualidad negra; ciudad; prensa negra.

“O ser preto é índice seguro de altas qualidades no manejo da bola de couro. Nos arrabaldes, pelo menos, o futebolista negro é olhado sempre com respeito e sympathia. [...] O característico das agremiações negras é a disciplina. Haja vista os conjuntos que jogam por ai a fora. Entusiasmo transbordante sob uma alma ternamente compassiva, incapaz de quebrar pernas ou de “dar trabalho á policia” (O Progresso, fev. 1931, p.4)

“O São Geraldo suspendeu brilhantemente, o titulo de campeão de 1929, e foi um dos mais fortes concorrentes desse torneio; sustentando com galhardia o decorrer do anno, sem uma derrota para o seu quadro; os jogadores não soffreram a menor pena ou censura, em se tratando de disciplina. E isto para nós, é motivo de jubilo, pois, o S. Geraldo, é uma associação essencialmente de nossa classe; entre todos os jogos, apenas uma meta vazou o goal S. Geraldense; no mais, tudo foi levado de vencida, portanto, esse campeonato foi um anno de orgulho para os esportistas negros desta capital, e, a diretoria que conduziu o invicto S. Geraldo, no ano findo, está de parabéns, pela conquista deste alto troféu que irá enriquecer a sede deste nosso acatado grêmio esportivo”. (O Clarim da Alvorada, 25/01/1930, p.2).

“Chegou ao nosso conhecimento a existência de uma exemplar agremiação esportiva, composta de rapazes negros ordeiros e disciplinados, verdadeiros cavalheiros, tanto no campo, como fóra dele”. (A Voz da Raça, abr.1937, p.2)

Iê! Saudações, Seu Ditinho. Dá licença, ô Cumba. Aqui é Allan da Rosa, teclando esse fraseado daqui de 2016.

Sou da malta que gosta de suar, torcer e pensar futebol. E muitos malungos aqui das peijas contra o racismo nem manjam o time preto do São Geraldo da Barra Funda, o Campeão do “Torneio Centenário” em São Paulo, 1922, sabia?

Te escrevo intuindo teu humor... Se tu pintava no mapa da ironia ou se era espinho tinoso, se teu coração calejado em abismos criou casca grossa ou se tu era espoleta e traquinas, se era do silêncio matreiro ou da mudez magoada, se apaziguava ou tinha gosto pela porrada... Pela pernada é certo que sim, aquela do sapateado fatal e derrubador das rodas da Barra Funda, além dos arremates por tantos campos de beira de rio e de fábrica, além das passadas que giraram na cancha do teu Alvinegro São Geraldo



ali na Rua Tupy, no Pacaembu, hoje um bairro tão distinto e que, no mesmo ano que teu time de bambas findou, recebeu o estádio onde eu vi poesia, cantei e xinguei, primeiro com meu pai, depois adolescente naquela trança entre solidão e coletividade das arquibancadas e, de 9 anos pra cá, com meu menino enquanto o preço dos ingressos e a feiura dos jogos não consegue me expulsar de vez. Talvez por isso voltei a frequentar mais forte a várzea, aquela em que joguei e que tem vocês pairando em cada vestiário barrento, em cada risco de cal, repinique de bateria e troféu levado pro boteco da sede na quebrada. Mas que também faz tempo que se comercializa. É um oceano vasto a várzea, o senhor sabe e quem sou eu pra falar?

O senhor foi craque em teu time por anos, reinava aos domingos e desenhou tantos golaços com tua linha. Tenho ganas de assistir uma partida do São Geraldo, talvez num momento noutra esfera isso aconteça. Me sonho presenciando a final do torneio centenário de 22, o que foi celebrado e exaltado por anos, o daquela virada de entrar no segundo tempo perdendo por 2x0 e terminar a peleja em 3x2 contra o Flor do Belém.

Te escrevo. Muito possível que o senhor não soubesse ler, pelo menos não a língua portuguesa cheia de muralhas e de tocaias pra dominar no peito. Mas lia campos de terra, lia cabeceios, lia as sacas de algodão e as caixas de frutas que descarregava diariamente no Largo da Banana, lia esquinas e rodas pela sola, pelo som e pelo faro. Talvez tenha sentado numa das salas de aula clandestinas que as associações culturais negras bolaram pra letramento, como aquelas da Frente Negra Brasileira na Sé. Depois do 13 de maio foram várias. Mas agora, pelo que compreendo, creio e vivo da encruzilhada bakongo o senhor já cruzou a Kalunga e compreende qualquer língua. Baila no entendimento pleno das mãos que tocam cordas e couros ou das bocas que sopram metais. Sabe traduzir cisco de cílios de crianças, gemido e sussurros de amantes e prantos de desespero nas notas da partitura da vida, como aquelas dos clarins tão presentes no samba antigo daqui. Já és um ancestral glorioso e pela lógica de nossa educação preta, tu assimila e floresce em qualquer frase, seja melodia ou rima, verbo de Brasil, de Angola ou da China. Escrita no muro, no livro, no corpo ou na vala.



Fuçando nas sofridas publicações daquela época em que o senhor ainda pisava aqui pelos dias e não apenas à noite, conferi o que vogava nas folhas do “A Voz da Raça”, do “Auriverde” e do “Progresso”, imprensa negra feita com resmas de sobra dos jornais graúdos, a única que noticiava as partidas do São Geraldo ou dos times de pretos. Que contradição pulsante ali nas páginas, no movimento que buscava frestas e pilares! Ressaltava que na bola do São Geraldo havia orgulho e talento ao vencer times de brancos que proibiam a entrada de vocês em alguns campos. E diziam do “entusiasmo em alma compassiva”, de serem “incapazes de darem trabalho à polícia”. Hehehe. Eu gostaria de ver o canto dos lábios do senhor quando lesse ou lhe traduzissem essas notícias... Enalteciam o São Geraldo e publicavam mais na sanha de frisar o quanto o time era civilizado e ordeiro do que de assuntar os próprios lances e magias do jogo. Hoje, daqui de longe no tempo, vejo a fértil contradição daquelas matérias, imersas na guerra não declarada, entre o banzo mais rasgado e a quilombagem mais convicta. Resvalavam ou mergulhavam num balaio que prenunciava ou aceitava estereótipos, assumindo que futebol, boxe, atletismo e esportes eram a coisa nossa e perigosamente nos reservando lugares apenas contemplados se correndo e pulando com ginga e molejo. Mas, encruzilhada que é essa demanda, compreendo a necessidade desses discursos em tempo de tanta vergonha e racismo escancarado em São Paulo. Estratégias diante do que faria inveja ao Mississipi, à Lousiana, aos bôeres sul africanos... Não me cabe julgamento raso daqui, Seu Ditinho.

Quantas vezes os 11 dos chamados valentes da pesada Barra Funda foram seguranças em festas na sede do Camisa Verde? Quantas noites fizeram a proteção no bairro barra-pesada em troca de ali, no mesmo cazuá, fazerem bailes pra angariar verba pro time jogar no seu campo ou onde hoje é o Mercado da Lapa, seu Ditinho? Pra conseguir pagar a costureira do calção e da bola, o alfaiate da jaqueta ou importar o caro material, como era de praxe. Quantas tabelinhas, tomadas de bola, chutaços espocando no peito do pé talvez naquele campo em que hoje está a estação Marechal Deodoro.. ou ainda naquele atrás da estação Água Branca, ali na Santa Marina.. Tenho vontade de ver a resenha e nessa prosa comentários sobre suas faces, suas táticas, suas catimbas e firulas.. mas nos jornais pretos após as grandes vitórias era certo que vocês seriam



exaltados por seu ‘recato’ e ‘civildade’. Nítida resposta impressa ao que vogava como nervo da ideologia racista da época. Questão pra gente refletir dias e dias...

Mas diziam também que o São Geraldo tinha “um mestre em cada posição” e era o mais forte entre todos os times formados por jogadores não aceitos em outros times pela cor de suas peles. Que vontade aqui, Seu Ditinho, de assistir um clássico negro entre teu esquadrão e o “Cravos Vermelhos”, o “Onze Gallos Pretos”, o “Marujos Paulistas”, o “Caveiras de Ouro” ou o “Áurea Football Clube” (que nomes...). O senhor sabe que Porto Alegre também teve um grande São Geraldo e que lá, pelos mesmos motivos de segregação daqui, fundaram a Liga da Canela Preta? Os patrícios e seus desafios. Sei que aqui além de rivalidade na bola vogava a rinha bairrista entre pretos, como a clássica entre Barra Funda e Bexiga ou como a das pelejas do século 19 entre capoeiras da Liberdade e do Brás pongando pra dominar os chafarizes, territórios chave pro abastecimento de água e pra mostrar pra comunidade da rua, entre lavadeiras e camelôs, quem mandava no ponto de encontro negro. Contemplando o respeito à água que vem de matriz kongo, assim como o do fogo, o ‘cumbe’ que é pedaço e inteireza de sol e como chamam quilombo em vários países da América do Sul por causa das brasas e das línguas de chama que só se pode apagar quando parte um Ganga, um grande, como o senhor e outros Tatas e Sobás. Coisas cotidianas, sentimentos de casa e de esquina, de travessia e de arrepio, linhagens que as escolas e a inteligência oficial daqui ainda vai demorar um bocado pra captar. Tem até aquela palavra que é mina e é horizonte, quadrada de tão feia mas braseira e formosa no sentido: epistemologia. O senhor sabe... hoje sabe. És como um oráculo de Ifá e pode compreender o fundamento de várias sentenças, posições e passes.

Seu Ditinho, como seria sua coluna, como pisava? Cabreiro, manhoso, irado... creio que altivo e se curvado era pelo peso das caixas e não por submissão que se refletisse na íris. Digo isso pelo porto seco e pelos cumbas camaradas com quem o senhor trabalhava e jogava, pelos feitos de craque. Estralava em São Paulo um apartheid declarado em áreas como a Rua Direita, o Parque da Luz, o Largo São Francisco e em uma renca de empregos, escolas, teatros e salões. Manchetes e cassetetes bradavam que a cidade tinha uma nação pra fazer e puxar. Nessa missão comandada pelas finanças,



branquear era a ordem, sim? Se hoje, tantas vezes é entre raiva e desilusão que a gente amanhece, imagino na tua época... Quanta humilhação... Mas também quanto revide. Sobre corpos e histórias africanas a tonelada da pecha de “incapazes de se concentrar e se organizar”, vergonha e doença social pra arrancar do corpo e purificar o futuro do país. Falácias assassinas apoiadas pelo que se dizia científico e bombava nas leis, nas reformas sangrentas da cidade, na fome e na bússola da migração. No futebol também, sim, Seu Ditinho? Mesmo depois, quando jogadores pretos foram aceitos nos times mas não podiam ser sócios dos clubes.

E teus manos de ataque: Caetano, Vaca Braba, Bode e Hilário? Em 1940, o São Geraldo arriou e parou de vez porque não conseguia mais se sustentar forte diante do profissionalismo que se encorpava, né? Seu Deonísio Barbosa, maior nome da história do Camisa Verde e Branco desde que a escola era cordão e também Seu Alcides Hortêncio, da A.A. Palmares e da Confederação Esportiva dos Homens Pretos do Brasil, diziam que o Corinthians firmou de ir buscar na Barra Funda jogadores do São Geraldo e desmanchava o time. Será que Vaca Braba e Bode foram pro outro alvinegro, o de meu coração? Será que ali mudaram de nome e largaram apelido ou não... Será que continuaram levantando e descendo caixa de banana na Barra Funda entre jogos de tiririca num cotidiano pesado? Quais motivos pra sorrir além do domingo? No campo eram de romper na garra, eram de bolar combinação? Seriam de intimidade com a bola na coxa ou seriam de pique inalcançável? Mesmo fintando, se o marcador do outro time resvalasse em vocês era apitada falta para eles e até linchamentos aconteciam. Aqui o meu (o nosso) pessoal mal sabe dessas origens da finta ou das forcas nas árvores e das ‘strange fruits’ que Nina Simone cantou lamentando o sul dos EUA. Mas sabe do que é o camburão rondando e a televisão escalpelando a cada dia. E sabe também das tiradinhas infames e das anedotas que nos corroem nas escolas. Seu Ditinho, o senhor teve que correr de campo? Aqui nas beiradas de várzea paulistana já presenciei tiro na bola pra manter invencibilidade, já assisti muito futebol virar boxe, vi a capoeira acertando cabeça e boca do estômago, mas em tua época, que além das desavenças entre times de pretos contemplou também muita irmandade, o senhor teve que abrir vereda acelerada fugindo de campo pra não ser espancado por brancos? Vários boleiros antigos citaram essas covardias, entre eles Domingos da Guia, que as testemunhou no Rio de



Janeiro e por isso contou do seu medo de entrar pro futebol. Nessas paúras ele disse que veio a fonte pro seu bailar no “miudinho” ao sair jogando. Sua elegância no enganar, no conduzir, no pontear na terra os passos de iludir e de saber guardar a pelota pra assim não deixar oponente branco nem lhe encostar, nem triscar. Dibrar não porque se tem isso na alma ou nos genes (argumento limitado e recheio de estereótipo), mas pela situação escabrosa do tabuleiro e pela recriação do que se inventou na linhagem. Dibrar porque as regras caladas podem espetar mais do que as escritas. Seu Ditinho, o dibre pode vir de palavra inglesa, a do “dribble”, mas DIBO em kikongo quer dizer “dançar” e tá na origem de “discursar” e “palavrear”. Desde que guri deixei tampões do meu dedão nos asfaltos e ralei meu joelho nos campinhos de terra daqui de Americanópolis, Jabaquara, Jardim Miriam e da Divisa Diadema que sinto que nossa presença sempre foi mais a dibrinha do que o drible. A nascente vem daí, do rastro que tua patota alastrou e que teve urgência, sobrevivência, desfrute e brinquedo. Texto e contexto. Próprio de quem não pode bater de frente. Troca de eixo e balanço no peso, marca da gente e da nossa cultura de fresta, de entrelugar, bordada com a lã que a História cofiou.

Zelão, Tita, Africano, Filipão, Olavo, Caçarola, Pé, Buiú, Alfredo, Goiabada, Bizerrão... Bambas e brigadores nas ruas da Barra Funda, teus manos da responsabilidade no gol, na zaga e na meia cancha do São Geraldo. Como foram paridos? Chegaram dos trens do interior após dias de arreo e de febre, com a bunda quadrada e a esperança rachada? Como morreram? De cachaça, de facada, de enfarte ou de doença de chagas? Com feridas largas nas pernas, com sequelas de doença venérea comuns à gente madrugueira do teu tempo, Seu Ditinho? Será que seus companheiros de equipe teimaram em largar casa que a prefeitura demolia e morreram soterrados, sob demolições pra higienizar a cidade e garantir espaço pras chácaras das famílias Prado e Arouche? Finaram largados num gelo de fundo de cela lembrando gols e defesas ou rodeados de netos no pátio tomando sopinha quente enquanto brincavam no formão, serrando cercas pra viveiros e paus pras tramelas? Será que um partiu alegre numa roda de tambores? Como tantos negros ainda poucas décadas após o 13 de maio, o teu enterro teve batuque e gurufim, carteadado e copos entornados? Tuas pernas tão cantadas se esticaram em caixão ou se despediram benzendo ruas, carregadas e cantadas num batuque, abauladas numa rede levada nos cangotes do povo que louvava a partida de um



grande? Teu corpo descansou em rede amarrada entre as pontas de uma vara, como de tantos funerais ritmados e zombeteiros daqui, tidos como exemplo de ‘selvageria’ e ‘incivilização’ pelos legisladores e delegados? Tu tinha família e ela conseguiu um enterro digno sem recorrer a uma Confraria como a da Nsa. Sra. dos Remédios na Praça João Mendes, ou a uma das irmandades do rosário como as da Penha, a do Paissandu ou do Lausanne, aquelas que recolhiam moedas pra fazer o funeral daqueles que nem a igreja queria velar? Será que crianças, reluziam saracoteando pelos terrenos da Barra Funda ou já eram como tantos pretinhos encarregados de levar e trazer cargas de comer, roupas quaradas e passadas no ferro de brasa, com batizados negados pelas igrejas?

O senhor conhece a obra do professor Muniz Sodré? Aquele que no livro “O Terreiro e a Cidade”, que coloca matrizes da filosofia ocidental pra comer na mão enquanto reflete sobre regras africano-brasileiras e apresenta os terreiros como lugares de cultivo da ancestralidade trançada às lógicas do corpo? Ninhos pra saúde do espírito e também pro revide. Penso nele, penso em meu mestre, penso em ti e na consciência de jogo, de iniciação e de segredo. Seu Ditinho, aprendi que na categoria de terreiros orna também as sedes benzidas de congados, de irmandades do rosário e de confrarias pretas, de associações comunitárias e de teatros auto-afirmados como negros, de cazuás dos capoeiras, de zungus e quilombos urbanos, tudo isso em histórias que combinam também se embrenhar nas e flutuar pelas esquinas (estas áreas de poder e surpresa) em datas especiais, mas principalmente tendo o abrigo de lugares que também são iniciados como nós pessoas em condições de graça, de luta e de convívio. Assim entendo o Mestre Divino, talvez neto de algum companheiro teu, nobreza da Mocidade Alegre e tão respeitado em muitas escolas de samba para além da zona norte. Ele ensina que antigamente para o integrante firmar sua presença na casa e na linhagem tinha que assinar seu nome com o pé no terreiro em pleno ritmo da roda. Imagino gente transbordando saberes mas sem escolaridade, gente batizada Custódio, Avelino, Prisciliana... Benedito ou Expedito como o senhor... ou gente com seus apelidos às vezes ganhos na hora pelo jeito de atuar, iniciando o pé e assinando com o corpo o caderno do solo, mantendo e expandindo o vigor do chão. O que importa é isso: o Axé plantado, partilhado e esparramado, comunicando tempos e reverberando técnicas e enigmas, revigorando nosso elo comunitário dentro dessa metrópole que ainda é tão



hostil, Seu Ditinho. Porém, às vezes isto brota fora do galpão, da casa ou do quintal, né? Fora do território feito e iniciado e vai rolar ali naquele cantinho da praça central, melodiado no lamento brincante e cintilante nas latinhas dos engraxates. No voleio da roda de pernada e de campana com os capitães que vem pra acabar com a função. Vai pro cortejo que toma as ruas ou pra feira, sujeita aos improvisos e surpresas, magnetizando gente que pode não ser do cordão nem do terreiro mas que chega pra aprender e ensinar, pra Ser. Como será que tua cabeça e teu peito sentiam cada campo, Seu Ditinho? Na teia do espaço (a ciência das distâncias) o terrão era terreiro? Ali a gama do jogo mesclada com competição e lidando com inimigos declarados, como latejava em tua compreensão e na proposta de corpo o namoro e o desacordo entre essas noções de jogo?

Barra Funda de Geraldo Filme que entregava marmitas, bairro da primeira linha de bonde elétrico e de pequenas indústrias agregando trabalho pra geral dos pretos que não conseguiam um “serviço bom”, ou seja: acender luz dos postes, limpar trilho de trem (se não fosse atropelado como vários) ou principalmente uma difícil vaga de entregador ou carimbador no funcionalismo público. Ali na Barra funda, entre matriarcas negras que vendiam o que pelas ruas fumegava de doce ou de sustança pros rapazes do muque e da patola, chegava a leva de gente pra ensacar café nos enormes armazéns ou pra auxiliar nos carroções, gente escanteada pela cidade que se envergonhava de nós, né, Seu Ditinho? Ali, em 1917, em qual praça entre os ventos dos Campos Elísios ou em qual bar colado na linha férrea entre copos fundou-se o São Geraldo por Silvério Pereira, Rufino dos Santos, Felisbino Barbosa, Horácio da Cunha, Benedito Costa e Benedito Prestes? Quem dali sabia ler? Em quais cantinhos de porões sem janela e sem luz da Alameda Gleite, da Nothmann ou das ruas Lopes Chaves e Barra Funda, ou das ruas Marques de Itu e General Jardim já lá pra depois do Largo do Arouche, habitavam os jogadores que chutaram a majestosa e venerada bola, cara e difícil de ter naquele tempo? Entre quais objetos, ainda latejando os carinhos recebidos nos muitos terrenos baldios dali, a gorducha latejava na sede da rua Vitoriano Camillo? Como saía organizada a torcida? A turma pisava junto no caminho da garoa ou cada malungo ia chegando solo dos mistérios da noite?



Queria sentar contigo e calmamente perguntar: como foi ser campeão do torneio que teve como mote o centenário da independência de um país em que a elite tinha a política de Estado de segregar abertamente? Nem tinham se completado quatro décadas de abolição oficial da escravatura e naquela época já brotavam fortes uns tantos germes de ideias de nação que ainda hoje nos lambem de hipocrisia, ocultando conflitos e bandeirando uma harmonia que não contempla nossos olhos. Desde José Bonifácio um século antes que já se propunha uma ideia de nação e solidariedade, um cimento que colasse toda gente do país, mas foi nesses anos 30 que se espraiou de uma varanda rica em Pernambuco a argamassa teórica que mirando Casa Grande e Senzala inverteu o prisma: afirmou que o que envergonhava e era pré-moderno seria justamente a singularidade positiva da nação, argumentando sobre espontaneidade, afeto e malemolência, linhas tão bem usadas também pra manter mais do mesmo e pra nos colocar de segunda.

Seu Ditinho, será que o senhor quando comemorava um gol pensava naqueles que carimbavam nos quatro ventos que a negrada era incapaz de operar no crescente mundo industrial paulistano, por sermos menos gente que as propaladas noções de individualidade e de razão da modernidade exigiam? É um mote espinhoso o que seja pessoa, entre indivíduo e coletivo, entre solidão, grupo e multidão, sim? Cada vez mais é... Nessa coletividade em que em nós vivem os mortos... E até hoje não coube na História dos protocolos e gabinetes, na dos cadernos e gestos, a nossa História, mestre. Há tanta miudeza e detalhe, diferença no prisma e na finalidade. Por exemplo, poucos consideram os consórcios, táticas e negociações dos agrupamentos, das cambadas de carregadores de pianos que, nutridos por formas coletivas africanas, antecederam sindicatos. O ritmo e as lógicas das lideranças, a negociação com forças políticas e ancestrais que regiam as decisões. Mas o que esperar de quem minimiza ou ignora a imensa capacidade técnica arquitetônica, mineralógica, metalúrgica, botânica, medicinal e linguística, por exemplo, de matriz africana, né?

O São Geraldo não nasceu sem lastro, eu aprendi. Ele compôs uma rede de associações negras que frutificou nas terras paulistanas, solo árido mas que contemplou gente ensinando a ler, puxando protestos na Luz, exigindo presença de negros na



Guarda Civil, imprimindo jornais na delicada labuta de escrever pra quem não sabia ler. Nesta seara tantos clubes pequenos na metragem da sede mas gigantes no propósito formaram seus times de futebol, seus atletas. Até bola-ao-cesto tinha naquela época em que, antes da NBA que assistimos hoje e que foi referência pra juventude negra nos anos 90, bola de basquete era raridade na mão preta. Arremessou bola a tua mão lanhada de carregar madeira, sacas de café e de banana? Quando penso nos pés negros calçando chuteiras e no campo desenhando nobreza nunca esqueço que escravo não pôde durante séculos usar sapato. Que encostando a sola na terra pedregosa, tanta gente rodou cidades descalço ou transportou serra abaixo por dias e dias sacas de café até o porto. Que alforriado ou fugido muitos compravam pisantes só pra expor os levando amarrados nos ombros, porque sola grossa de toda uma vida pisando no chão não suportava a prisão do sapato. E minha mente viaja no apetite que a molecada daqui da vila tem por tênis caro. Pode não comer, pode até roubar pra ter, mas o tênis não pode ser afunhanhado. Sem determinismos, sapiente do que indústria do entretenimento e bateladas de propagandas pra consumo firmou nas últimas décadas, traço caminhos históricos.

Por favor, me responde como foi aderir à Liga de Amadores de Futebol, a LAF, que o Clube Atlético Paulistano fundou em 1925, injuriado com a Associação Paulista de Esportes Atléticos, a APEA? Como era jogar contra o Sport Club Germania já pelejando na nova divisão intermediária que teve até o Corinthians por três anos disputando, até acabar em 1929, porque era dureza manter jogadores sem salário e vínculo formal diante de times e clubes que já acenavam com moedas e contratos, já renunciando o que viria ao São Geraldo uns dez anos depois? Como foi perceber a manha de quem começava a afirmar que nossa mestiçagem era uma glória, uma dádiva e uma harmonia? O senhor captou a derrocada daquele racismo que se arrogava de ciência e a ascensão de uma mais hipócrita falácia, a que no futebol já se modelava para abrir espaço aos craques pretos no campo mas não no clube, alterando estatutos que proibiam a ‘entrada de homens de cor’, simbolizada em 1933 com Mateus Marcondes, “o másculo” do Clube Espéria, mas não mudando o proceder na prática dos portões? Já vogava ali o desejo dessa fresta que o futebol põe pra sonhar, a de adentrar em conforto



e reconhecimento que as oportunidades da bola, tão afuniladas e cada vez mais das emplastradas cartas marcadas, ainda propaga que oferece aos sofreadores.

Encontrei dia destes um bocado de depoimentos do pessoal que nasceu depois de ti e antes de mim. O senhor os viu talvez crianças, mas eu os assisti apenas em vídeo ou lhes ouvi de tabela, cantados em doce e brava recordação nas rodas das periferias paulistanas. Olha este trecho aqui de Seu Zezinho da Casa Verde, aquele do cabelo grande e preso que participa daquela peça e do vídeo “Nas quebradas do Mundaréu”, com Toniquinho Batuqueiro, Zeca da Casa Verde, Geraldo Filme, Silvio Modesto e Talismã, dirigidos por Plínio Marcos.

“Na Barra Funda jogava aqui no São Geraldo. Negro não passava [para a primeira divisão do campeonato]. Então nós desafiemo tudo quanto era time de São Paulo. Tudo, Paulistano, nós desafiava todo mundo. Ninguém queria jogá com nós. Sabe quem foi que um dia descobriu o São Geraldo? O Corinthians, o Corinthians começou a passá a mão nos negro devagarinho, tirô um, tirô outro, tirou um, tirou outro e destruiu o São Geraldo. Mas o São Geraldo era prá sê um time de primeira categoria. No, no campeonato era...”

Eu, limitado, compreendo o São Geraldo enraizado e se espraiando a partir da memória ancestral e da marca coletiva que não elimina a marca pessoal, mas que a conclama, pro povo preto as razões do corpo e as aparências são fundamentais. É assim onde a força simbólica é cerne estabelecendo jogo-regra-lugar nas gamas da oralidade, que é mais que voz e orelha, mais que saliva e é corpo pleno. Nesta teia se firmaram, formaram, desenvolveram e garantiram sobrevivência e reinvenção muitas gerações, século após século, Seu Ditinho. Por isso muito te agradeço. Pra não amuar recordo de vocês quando volto ao meu bairro na alta noite e vejo as desgramas daqui. Ou quando sou abordado pelos seguranças das faculdades da USP (“-Vai onde? Posso ajudar, mocinho? Uai, como eu poderia saber que você é estudante?”), universidade onde curso meu doutorado. É impossível não lembrar dos projetos de limpeza étnica, tão nítidos na época em que teus gols marcavam o calendário em São Paulo. Tanto passou e tanto permanece. Assim voga a resistência e a anunciação ancestral perante a lógica genocida que aflige Mães de Maio a Abril, todo ano, por aqui e no Brasil todo. Assim também eu entendo as lutas e contradições da imprensa negra, dos jornais A Voz da Raça (que teve até circulação em outros estados), d’O Clarim da Alvorada, d’O Kosmos, d’O



Alviverde, d'O Progresso, d'O Baluarte, d'O Menelik, do A Rua, d'O Xanter, d'O Alfinete, do A Liberdade, do A Sentinela, do Getulino, do A Elite, d' O Patrocínio, alguns com divergência, agregando de monarquistas a socialistas e passando pelas rotatórias e mãos negras nas década de 20 e no começo dos anos 30, até chegar o mando de exterminar essas associações que depunham contra a unidade brasileira.

Seu Ditinho, com reverência mas com leveza e sorrindo aguardo tua resposta. Tua mensagem pode vir e me encontrar. Vou levando sem deixar a bola cair, numa embaixadinha de dez ou quinze toques com a cabeça, observando o azul vasto do céu, as rubras lajes precárias da zona sul e os sabiás que passam zombando desse pássaro gordo e de couro quicando no meu cucuruto, sabiás assoviando e rasgando o ar pra pousar nas cascas de mamão que lhes deixo na mureta do córrego.

Sente um abraço apertado, os peitos se amassando, coração ouvindo o outro coração. E lhe beijo a mão.

Fica forte, em movimento, redivivo.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHÃO, Bruno O. de Lacerda & Antonio Jorge G. SOARES. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, v.26, n.1, p.63-76, jan./mar. 2012
- ANDREWS, G.R. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: EDUSC, 1998.
- ANJOS, José Carlos Gomes dos. *No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Fundação Cultural Palmares, 2006
- AZEVEDO, Amailton Magno. *São Paulo Negra: Geraldo Filme e a geografia do samba paulista*. *Revista da ABPN* • v. 6, n. 13 • mar. – jun. 2014 • p. 313-328
- BASTIDE, R. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BENTO, Maria Aparecida & CARONE, Iray. *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2002
- BRITO, Iêda Marques. *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural*, São Paulo: FFLCH/USP, 1986
- CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar. Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000



CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

D'ADESKY, J. *Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismo e anti-racismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

DOMINGUES, P. 2005. *A insurgência de ébano: a história da Frente Negra Brasileira*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 342 p.

_____. *O "campeão do Centenário": raça e nação no futebol paulista*. História Unisinos 19(3):368-376, Setembro/Dezembro 2015

GIACOMINI, S.M. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro - o Renascença Clube*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*. São Paulo: Editora 34, 2001

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira & GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. *O jogo das diferenças – o multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998

JESUS, G.M. de. 1999. *O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre*. Anos 90, 11:144-161.

LEITE, J.C. 1992. *...E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos*. Organizado por Cuti. São Paulo, Secretaria Municipal da Cultura, 301 p

LEVINE, R.M. *Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro*. In: MEIHY, J.C.S. (Org.). *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.

OLIVEIRA, Eduardo David de. *Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Fortaleza: IBECA, 2003

ROSENFELD, A. 1993. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo, Perspectiva, 112 p

SILVA, José Carlos. *Negros em São Paulo: Espaço Público Imagem e Cidadania*. In: Niemeyer, Ana Maria de; Godoi, Emília P. (Org.). *Além dos Territórios. Para um Diálogo entre a Etnologia Indígena, os Estudos Rurais e Os Estudos Urbanos*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, v. 1, p. 65-96.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida. Por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Codecri, 1983

_____. *O terreiro e a cidade. A forma social negro-brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1988

Vídeos

Geraldo Filme. Filme-documentário- "Geraldo Filme - Criolo Cantando Samba Era Coisa Feia", São Paulo, 1998.

Geraldo Filme- *A Música Brasileira deste Século por seus autores e intérpretes*, São Paulo, Sesc, 2000.

Geraldo Filme- *acervo de documentação do Museu da Imagem e do Som (MIS)*

Jornais e Revistas

A Voz da Raça. São Paulo, 28/04/1937, p. 4.



Correio de São Paulo. São Paulo, 30/04/1941, p. 9.

O Clarim d'Alvorada. São Paulo, 01/1930. p. 3.

Progresso. São Paulo, 02/1931

Cultura: Revista da Mocidade Negra. São Paulo, janeiro de 1934.

Evolução: Revista dos Homens Pretos de São Paulo. São Paulo, 13/05/1933, p. 8-14.

Recebido em outubro de 2017
Aprovado em novembro de 2017